

Retaliação, ameaça ao setor eletroeletrônico

Se concretizadas as ameaças de retaliações por parte dos bancos credores em decorrência da indefinição do Brasil quanto à dívida externa, as importações de componentes da indústria eletroeletrônica podem ser afetadas. Embora não acredite na hipótese — “isso não interessa aos banqueiros” — o presidente da Gradiente, Eugênio Staub, disse, ontem, em palestra na Associação Brasileira dos Analistas do Mercado de Capitais (Abamec), que os empresários estão “muito preocupados” com a questão da moratória, que pode interferir nos negócios externos das indústrias.

Eugênio Staub, que também é diretor da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), acha que o governo não permitirá que o impasse chegue ao ponto de retaliações e acredita que o País encontrará, em breve, soluções “positivas” para seu endividamento. Em sua opinião, a saída “mais inteligente” para todos os países devedores seria dividir o montante de suas dívidas em três, que seriam assumidas parte pe-

los próprios endividados, parte pelos credores e uma outra parcela pelos cidadãos, através do Imposto de Renda.

O empresário queixou-se também da decisão do governo de ampliar a lista de produtos controlados pelo Conselho Interministerial de Preços — CIP. A indústria eletroeletrônica foi surpreendida pela decisão e teme, principalmente, a falta de agilidade do CIP para controlar o grande número de setores anunciado. Staub disse que o setor ainda está defasado entre 20 e 40% em seus custos.

O equilíbrio dessa situação, na opinião de Staub, é o “grande desafio” que o Plano Bresser terá de enfrentar neste período de flexibilização dos preços. Ele disse que a redução do poder aquisitivo e as indefinições econômicas levaram a indústria eletroeletrônica a quedas setoriais de vendas no primeiro semestre, de até 46% em relação ao ano passado, mesmo assim, considera que a produção do segmento deva crescer de 10 a 15% até o final do ano.